

Sector empresarial do Estado

- uma conquista
dos trabalhadores
e do povo

Pág. 7

Editorial

UM GOVERNO DE CRISE E DESESTABILIZAÇÃO

Pág. 2



Milhares de jovens numa jornada em defesa da paz sem precedentes em Portugal

Págs. centrais

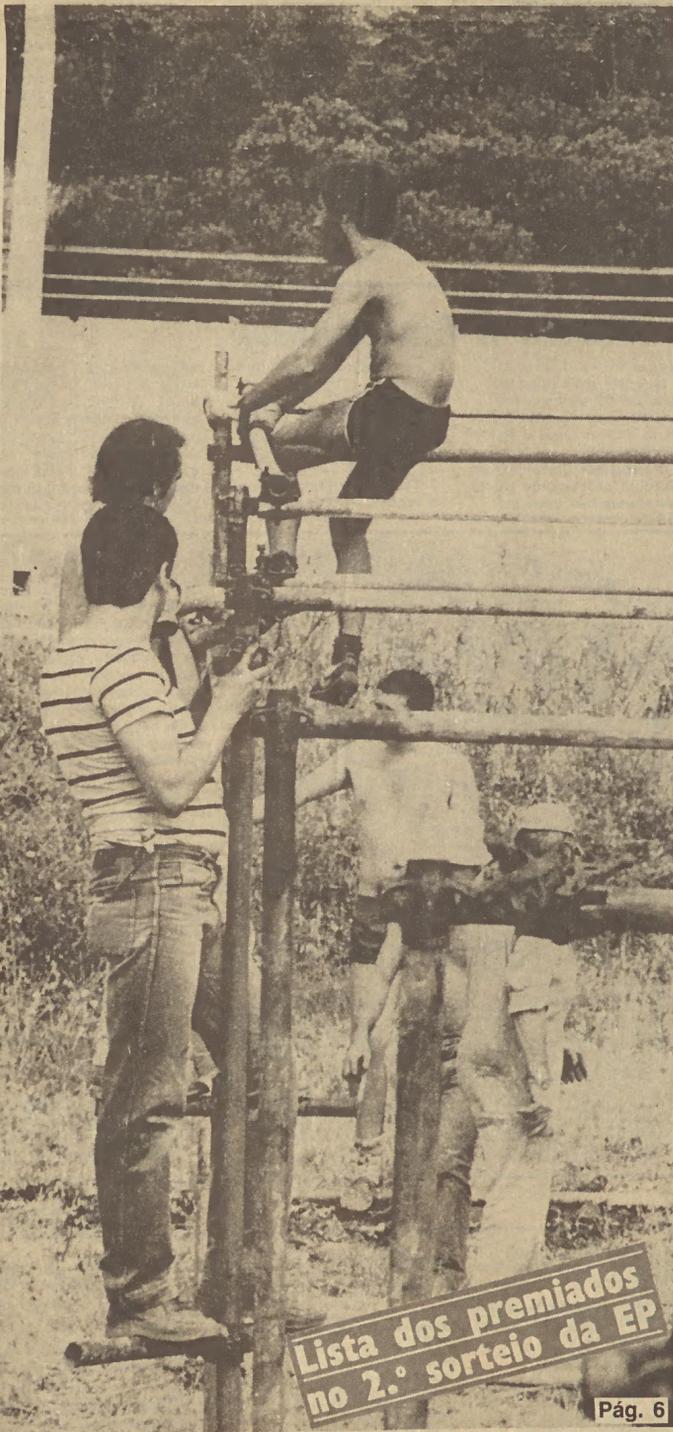
Festas do PCP

- Sines
Festa da Terra e do Mar
- Portimão
Festa de Agosto
- Casebres
Festa da Alegria
- Mina de S. Domingos
Festa Verão-83
- Carregueira
Festa Popular
- Montargil
Festa da Amizade
- S. Pedro da Cova
Festa da Unidade
- Gramido
Festa da Vida

Pág. 3

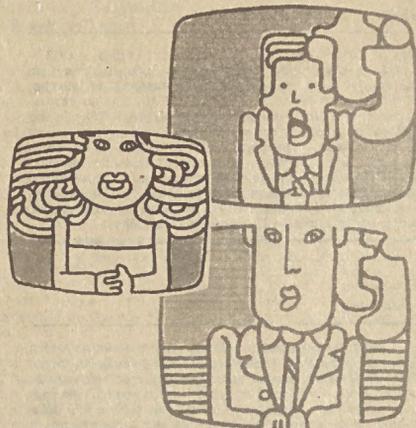
Implantação da Festa em contagem decrecente

festa do
Avante!



Lista dos premiados
no 2.º sorteio da EP

Pág. 6



Assim vai a «nova» TV

(ler na pág. 7 e no Suplemento, pág. 14)

PCP



SINES

5-6-7 de AGOSTO NO CASTELO

festa da terra e do mar

PARTIDO COMUNISTA PORTUGUÊS

Começa amanhã em Sines a Festa da Terra e do Mar

Começa amanhã em Sines a Festa da Terra e do Mar, iniciativa da Comissão Concelhia do PCP, que assim propõe aos visitantes três dias de alegria, espectáculos, exposições, debates, manifestações desportivas e culturais, convívio e amizade.

Do programa elaborado para a Festa, que decorrerá no castelo até domingo, salientamos:

de Grândola; colóquio sobre Comunicação Social com o jornalista Ruben de Carvalho, chefe de Redacção do «Avante!» e membro suplente do Comité Central do PCP.

22.30 — Actuações dos grupos corais alentejanos da Casa do Povo de Cercal e os «Amigos da Boa Vontade».

23.00 — Participação da Brigada «Semente à Terra».

23.00 — Música africana, com a participação do conjunto Cretcheu, de Cabo Verde, e outros agrupamentos.

Domingo

10.00 — Actividades desportivas.

13.00 — Almoço-convívio com caldeirada à moda de Sines.

15.00 — Espectáculo infantil: palhaços e rancho folclórico «Cinco Estrelas do Isaias».

17.00 — Colóquio sobre Ecologia com Veríssimo Dias.

18.00 — Colóquio sobre Pescas, com Carlos Espadinha, deputado.

20.00 — Actuação de corais alentejanos: Mineiros de Aljustrel e Ceifeiros de Cuba.

21.00 — Comício de encerramento com Dias Lourenço, membro da Comissão Política do Comité Central do PCP.

22.00 — Actuação do cantor chileno Julian del Valle.

23.00 — Actuação da banda «Roquivários».

Amanhã

20.00 — Abertura da Festa da Terra e do Mar com a participação do camarada Joaquim Gomes, membro da Comissão Política e do Secretariado do Comité Central; actuação da Banda da SMFOG, de Grândola.

20.30 — Sessão sobre o tema «Defendamos a Paz».

21.00 — Colóquio sobre a América Latina e a Paz com Miguel Urbano Rodrigues, jornalista, director de «o diário».

22.00 — Actuação da Banda da SMFOG,

Sábado

10.00 — Torneio de futebol no Estádio Municipal, com as equipas de trabalhadores das autarquias.

13.00 — Almoço-convívio.

16.00 — Demonstração do Jogo do Pau.

18.00 — Colóquio sobre a Paz, com Sousa Marques.

21.00 — Debate sobre Desporto com Cruz dos Santos, jornalista de «A Bola» e o árbitro de futebol Veiga Trigo.

22.00 — Grande noite do Fado

oportunidade para adquirir produtos alimentares com qualidade — decorrerá durante todo o dia uma jornada desportiva envolvendo o atletismo, a natação e o futebol. O segundo dia da festa encerrará com novo baile.

Finalmente, no dia 7, o programa retoma as actividades desportivas, com uma gincana de bicicletas às 10 e 30, estando prevista para a tarde a presença do futebol. A encerrar, um bailarico até de madrugada.

Festa de Agosto em Portimão

No próximo fim-de-semana dias 5, 6 e 7 realiza-se, no Largo da Feira, em Portimão a festa que tradicionalmente a Comissão Concelhia de Portimão do PCP vem efectuando à já alguns anos.

Este ano a festa conta com a presença e contribuição das organizações concelhias de Silves, Lagos e

Lagoa, alargando-se assim o âmbito e a importância desta iniciativa.

Do programa constam espectáculos diversificados, iniciando-se sexta-feira com Fernando Farinha; sábado com Helena Isabel, Julian Del Valle, Banda Tetra, Zé Manel e Munho com música afro-brasileira, encerrando-se domingo com Paulo

de Carvalho e a «Banda de Cá».

No espaço da festa estará ainda presente pela primeira vez, uma exposição sobre património cultural da região.

Carlos Brito, membro da Comissão Política do CC do PCP encerrará a festa com uma intervenção política.

S. Pedro da Cova

Por iniciativa da Comissão de Freguesia de S. Pedro da Cova, realiza-se no próximo dia 7, durante todo o dia a Festa da Unidade que terá lugar na Insua. Do programa faz parte a música e o folclore com a participação do «conjunto 1.º de Maio» e do rancho Flor de Fânzeres. Não faltarão, naturalmente, os comes e bebes. Fará uma intervenção política, o camarada Sérgio Teixeira, da DORP do PCP.

FESTA POPULAR



EM MELIDES

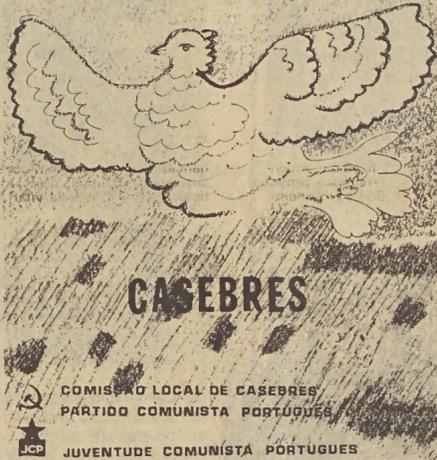
DIAS 13 e 14 AGOSTO

No Largo da Feira



Comissão Local de Melides
Partido Comunista Português

FESTA DA ALEGRIA 6/7 AGOSTO 1983



CASEBRES

COMISSÃO LOCAL DE CASEBRES
PARTIDO COMUNISTA PORTUGUÊS
JUVENTUDE COMUNISTA PORTUGUESA

O programa da 3.ª Festa Popular da Carregueira inclui, entre outros, os seguintes pontos de interesse: Sábado — 17.00, tiro ao alvo; 21.30, baile com o conjunto «Contacto»; 23.00, actuação de J. Jorge Letria; 24.00, continuação do baile. Domingo — 13.00, almoço-convívio com Dias Lourenço; 17.00, canto livre com o grupo «Jornada»; 19.00, comício com Dias Lourenço, da Comissão Política do CC do PCP; 21.00, baile com o conjunto «Sadeon».

Festa da Vida em Gramido

Nos próximos dias 6 e 7 de Agosto tem lugar, em Gramido (junto ao rio Douro) a Festa da Vida. A festa, que se realiza por iniciativa da Comissão de Freguesia de Valbom, tem um vasto programa de variedades e contará com uma intervenção política de Avelino Gonçalves, da DORP e do CC.

Festa da Amizade em Montargil

A Comissão de Freguesia de Montargil leva a efeito no próximo fim-de-semana a Festa da Amizade, na Barragem, na zona do Pintado.

Do programa organizado, destacamos: Sábado, dia 6 — tiro aos pratos às 8 horas; tarde de folclore, com início às 16 horas, com os Ranchos da Casa do Povo de Ponte de Sor e de St.º António de Alcorrego; à noite, baile animado pelo conjunto «Signos».

Domingo, dia 7 — concurso de pesca desportiva às 8 horas; espectáculo com a Brigada «Semente à Terra», às 16 horas; intervenção política às 17 horas; à noite, baile com o conjunto «Turbo».

FESTA VITÓRIA D'ABRIL

13/14 AGOSTO 1983

Rio de Moinhos

SÁBADO

11H JOGO DO GALO

15H FUTEBOL

17H FRANCISCO CEIA ERNESTO MARAVILHAS FERNANDO PAULO

21H FERNANDO FARINHA

BAILE COM EDUARDO PANOIAS

DOMINGO

15H RANCHO FOLCLÓRICO infantil TORRANENSE, GRUPO CORAL DA CASA DO POVO DO TORRÃO

17H COMICIO

21H BAILE COM EDUARDO PANOIAS

Comissão Local de Rio de Moinhos do PCP

Concurso de pesca de traineira

No próximo dia 14 decorrerá na Costa da Galé, em Setúbal, um concurso de pesca desportiva aberto a todos os pescadores de traineira, iniciativa da organização do PCP.

São prestados todos os esclarecimentos no Centro de Trabalho do Partido na cidade de Setúbal, ou através do telefone 2 22 73.

Iniciativas do PCP

Realizaram-se no passado fim-de-semana, por iniciativa do PCP, várias festas de unidade e convívio com boa participação popular, como sucedeu em Penedo Gordo, Faro, S. Domingos de Rana, Santiago do Cacém, Matosinhos, Vila das Aves, Ermidas Sado e Sebolido.

Festa da Amizade em Faro

Milhares de pessoas passaram pelo S. Luís Parque durante os dois dias da festa que a comissão concelhia de Faro organizou no último fim-de-semana.

Esta foi sem dúvida a maior festa aqui realizada a demonstrar que a iniciativa criou raízes e é hoje já um cartaz nos meses de Verão tanto para os habitantes da cidade como também para muitos gauleses que acorrem ao Algarve para passar as suas férias.

Este ano a festa contou para além de uma exposição política, com exposições colectivas de pintura, gravura e fotografia, experiência que trouxe um enriquecimento à própria festa.

Também o desporto esteve este ano com uma outra presença na festa com torneios de damas, xadrez e ténis de mesa.

No domingo e antes de Rão Kyão e Carlos do Carmo terem encerrado a festa, Aurélio Santos fez uma intervenção sobre os aspectos essenciais que caracterizaram a situação política presente.

A Festa dos Seareiros em Samora Correia

A Festa dos Seareiros, realizada em Samora Correia, constituiu uma jornada de luta e convívio que já ganhou fundas tradições na região.

Uma bem organizada exposição alusiva à Paz, exibições de grupos folclóricos de Benavente, Salvaterra e Fajarda que culminaram com um festival de folclore da tarde de domingo, depois de um desfile cheio de cor pelas ruas da vila, concurso de pesca desportiva, baile, canções de intervenção por Pedro Barroso e um comício em que discursou Dias Lourenço, da Comissão Política do CC do PCP, animaram aquela região ribeirinha do Baixo Ribatejo.

Dias Lourenço abordou a situação política actual em geral e dos seareiros e rendeiros das Lezírias em particular.

Uma atenção particular foi dada no discurso às condições de arrendamento da terra que varia entre os 20 e os 40 contos por hectare e por campanha, havendo mesmo o caso de um arrendamento de 4 hectares pelo total de 300 contos!

Também a política agrícola do actual Governo foi objecto da crítica do orador.

Os recentes aumentos do custo dos factores de produção e os injustos preços pagos ao produtor constituem novos factores de estrangulamento económico e financeiro dos seareiros do melão e do tomate do Baixo Ribatejo, muitos dos quais animaram com a sua presença a Festa de Samora Correia.

Sessão na Amadora

No salão do CT da Amadora realiza-se hoje, às 21 horas, uma sessão sobre a Festa do «Avante!». Além da projecção dum filme, haverá um debate e uma intervenção política pelo camarada António Andrez, do CC.

Sorteio da 6.ª Zona do CLL

O sorteio da campanha de fundos da 6.ª zona do Comité Local de Lisboa (CLL) apurou as rifas com os seguintes números:

- 1.º — 3527, TV a cores;
- 2.º — 7210, quadro a óleo;
- 3.º — 8721, uma biblioteca.

Os brindes devem ser levantados no Centro de Trabalho do Lumiar.

Mina de S. Domingos

Por iniciativa da Comissão Concelhia de Mértola e da Comissão de Freguesia de Corte do Pinto, a Mina de S. Domingos vai acolher mais uma edição das Festas de Verão, este ano a realizar nos dias 5, 6 e 7 de Agosto.

No primeiro dia das Festas de Verão-83, depois da abertura às 20 horas, com salva de morteiros, o convívio irá prolongar-se pela noite dentro com um grande bailarico, animado pelo conjunto «Zaranza».

No dia 6, além do mercado da Reforma Agrária — boa

Comício do PCP em Vila das Aves (S. Tirso)

Mário Soares coloca em lugares destacados antigos apoiantes de Soares Carneiro

É um verdadeiro escândalo que o secretário-geral do Partido Socialista esteja à frente de um Governo que faz precisamente a mesma política da reacção e dos governos reaccionários — afirmou o camarada Ângelo Veloso, membro suplente da Comissão Política do CC do PCP, no comício da Festa de Verão, no passado domingo, na Bouça de Poldraes, na Vila das Aves (S. Tirso).

Mais adiante salientou o dirigente do PCP:

O PS publicou durante a campanha um programa com 100 medidas para 100 dias. Já se passaram 50 dias. Aonde é que estão as promessas eleitorais de Mário Soares?

Passaram-se 50 dias e que fez o Governo de Mário Soares, secretário-geral do Partido Socialista? (...)

(...) O que é que este Governo de Mário Soares fez com que não pudesse ter sido feito pelo Governo de Pinto Balsemão? Esta política é a política de

subordinação ao FMI e ao grande capital. (...)

(...) A crise vai aumentar. Para a produção diminuir têm que fechar empresas. O desemprego vai aumentar. Os campos vão ser abandonados. A emigração vai crescer. E vai crescer a fome e a miséria. (...)

(...) A realidade é que Mário Soares e o PS aparecem agora à cabeça de toda a direita, a levar a cabo o programa político da AD. Mário Soares meteu na gaveta o programa do PS e foi buscar o programa da AD. Esta é que é a realidade.

É vergonhoso

(...) É certo que numerosos socialistas têm dado um espectáculo lamentável na corrida aos lugares rendosos e aos tachos. Todos nós temos seguido pelos jornais esse verdadeiro escândalo nacional que é a distribuição das pastas entre os amigos de Mário Soares e de Mota Pinto. São os tachos na Banca, nos Seguros, nas Empresas Públicas, no aparelho administrativo e político do Estado, nos jornais, na Televisão, etc.

Parecem cães a disputar os ossos. É vergonhoso ver antigos esquerdistas — como Acácio Barreiros e outros — a fazerem-se mais soaristas que Soares para arrebatarem um lugar.

É vergonhoso ver como alguns socialistas que se diziam democratas e de esquerda se deixaram comprar por um tacho. (...)

(...) Mas isto não nos deve levar a meter todos os socialistas no mesmo saco. (...)

(...) Ao contrário, devemos multiplicar os esforços de diálogo, de aproximação e de acção comum junto de todos os verdadeiros socialistas. (...)

Noutro passo da sua intervenção, referiu:

Ao propor a substituição de Garcia dos Santos, o Governo de Mário Soares procura pôr em causa os militares de Abril e o próprio Presidente da República. (...)

(...) Mário Soares está a colocar em lugares-chaves do Governo e do Estado antigos apoiantes de Soares Carneiro e a procurar sanear todos os apoiantes de Eanes. Mesmo entre os próximos colaboradores do gabinete de Mário Soares estão hoje homens que apoiaram Soares Carneiro. (...)

(...) O que é verdade é que

cada dia se parece confirmar mais a ideia de que Mário Soares procura aglutinar toda a direita em torno da sua eventual candidatura à Presidência da República.

E que, para isso, leva a cabo, em todos os campos, a política de direita contra as grandes conquistas de Abril e contra os direitos fundamentais dos trabalhadores, ao serviço do grande capital e do imperialismo.

Lançando-se abertamente na desestabilização militar e no embate frontal com os militares de Abril e com o Presidente da República, Mário Soares dá um novo passo em frente na sua deslocação para a direita, afastando-se cada vez mais do campo dos democratas, incluindo da maioria dos militantes, dos eleitores e dos apoiantes do próprio Partido Socialista. (...)

2. ASSEMBLEIA DA ORGANIZAÇÃO CONCELHIA DE ALCÁÇER DO SAL 20 AGOSTO 83 NO CINE TEATRO REFORÇAR O PARTIDO DEFENDER ABRIL



Alcácer do Sal

Está marcada para o próximo dia 20 (sábado) a segunda Assembleia da Organização Concelhia de Alcácer do Sal, que decorrerá sob o lema «Reforçar o Partido, Defender Abril»

Juventude

Milhares de jovens em Tróia deram mesmo uma oportunidade à Paz ... e a luta vai continuar!

Foi bom. Valeu a pena.

Está escrito na Mensagem lida no estádio do Bonfim, em Setúbal. E corresponde ao estado de espírito que, certamente, ficou a animar por muito tempo os milhares de jovens que durante uma semana viveram o Festival internacional «Dêem Uma Oportunidade à Paz», tema duma canção bem conhecida de John Lennon («Give Peace a Chance»). Um Festival que foi também festa, convívio e fraternidade, vividas com o entusiasmo próprio da juventude. E em que a música, o debate das ideias, algumas manifestações culturais e o desporto deram as mãos, numa jornada de convívio juvenil sem precedentes.

Aconteceu na península de Tróia, na praia do Carvalhal, no concelho de Grândola, durante uma semana bem passada em que milhares de jovens — portugueses e estrangeiros — deram uma oportunidade à Paz.

Foi bom e valeu a pena por vários motivos. Não os vamos aqui apontar na totalidade. Mas há algumas conclusões que podem desde já ser retiradas.

O Festival de Tróia, realização inédita no nosso País, foi primeiro que tudo uma jornada que fez despertar consciências e forças para um combate fundamental da Humanidade: o da Paz. No Carvalhal foram denunciados os perigos da

guerra e a necessidade de unir todos os que, por este Mundo fora, percorrem os caminhos da luta pela Paz e pela segurança dos povos. Por isso, o Festival de Tróia foi um alerta. Que teve impacto no nosso País e no estrangeiro.

Além dum alerta e dum espaço de encontro, unidade e debate para sensibilidades diferentes que percorrem os diferentes caminhos da Paz, a grande festa do Carvalhal deu força a objectivos importantes da juventude portuguesa que tem noção da importância e do significado do movimento da Paz: a luta contra a instalação de armas nucleares na Europa, a luta pelo

desarmamento completo, controlado e simultâneo, a luta contra a instalação, estacionamento e trânsito de armas nucleares em Portugal.

O Festival de Tróia confirmou que existe entre a juventude portuguesa dinamismo para a realização de iniciativas concretas em defesa da Paz, alertando para os perigos da guerra, demonstrando como e porque existem esses perigos, mobilizando cada vez mais cidadãos para esse espírito interventivo de acção. Outras realizações importantes podem, assim, efectuar-se já no próximo Outono, participando na grande ofensiva que decorrerá em toda a Europa, com início em Outubro, contra a instalação de novos mísseis na zona europeia.

O Festival possibilitou ainda uma informação muito útil sobre o que por este Mundo fora se vai fazendo a favor da Paz, da cooperação, da amizade entre povos. Da Alemanha Federal, uma das bases da influência imperialista na Europa, à Nicarágua, país da América Central também alvo das

manobras do imperialismo norte-americano, vieram experiências diferentes mas significativas da luta pela Paz. Também jovens do Canadá, dos EUA, da Hungria, Bulgária, RDA, Suécia, Finlândia, URSS, Polónia, Espanha, Berlim Ocidental, Grécia, Checoslováquia e Dinamarca trouxeram as suas ideias, as suas experiências, as suas vontades.

Jovens portugueses e estrangeiros (em representação de 21 países) fizeram, assim, do Carvalhal uma tribuna viva de diálogo e animação. Durou uma semana. Foi um convívio inesquecível, vivido num belo acampamento preparado e participado por jovens.

Tudo começou no dia 25, registando-se a abertura mais ou menos «solene» por volta do meio-dia, com a intervenção dum elemento da Comissão Coordenadora. Depois, à noite outro elemento dessa Comissão e o presidente da Câmara Municipal de Grândola davam as boas-vindas aos participantes. Este primeiro dia foi de adaptação ao local. Espreitava-se a praia.

Conheciam-se os cantos «à casa».

A partir do segundo dia (terça-feira) as coisas começaram a mexer. E além do convite para uns banhos deliciosos na praia do Carvalhal, ali à mão de seamar, os participantes no Festival tinham à sua disposição um vasto conjunto de iniciativas de animação, actividades e estruturas do acampamento.

Enquanto a Rádio-Festi-



Mensagem

«Valeu a pena!»

É a seguinte a Mensagem aprovada no Carvalhal e lida no Estádio do Bonfim, em Setúbal, durante o grande espectáculo de encerramento:

«Demos uma oportunidade à Paz. Nós, os milhares de participantes neste Festival, nós, jovens portugueses e muitos outros, vindos de 21 países. Ouvimos a Paz no som da música, vimos-la nas cores e nas formas e debatêmo-la com a força da razão. Mas, além de tudo isso, vivêmo-la também, simplesmente, nós, os milhares de participantes neste festival, gente de ideias diferentes, que percorre caminhos diferentes, mas vive junta a ideia da Paz. Gente que se junta para discutir a Paz e gente que a Paz aproxima e junta. Foi bom. Valeu a pena. Com mais força diremos amanhã não às novas armas nucleares na Europa, reafirmaremos que é urgente o desarmamento completo, controlado e simultâneo.

«Nós, jovens portugueses participantes neste festival, relembremos enfim que não vamos consentir na colocação, no estacionamento ou no trânsito de armas nucleares em Portugal. Nós, jovens portugueses, decididos, com o a força deste festival, a empreender acções concretas no nosso país contra a instalação de novos mísseis na Europa, estaremos, assim, presentes na ofensiva de Outubro que se prepara em toda a Europa, a partir de Outubro, contra os novos mísseis.

«Lutaremos, exigindo aos partidos políticos, autarquias, Assembleia da República, Governo que sejam declarados desnuclearizados todos os concelhos, todos os distritos, todo o país. Lutaremos, também, pela desnuclearização da Península Ibérica.

«Por este andar daremos muitas mais oportunidades à Paz, tantas até ao dia em que ela for bem real, sem guerras e sem armas.

«Isto porque então o Festival de um dia será a festa de uma vida inteira.»

O texto da Mensagem foi proposto pela Comissão Coordenadora do Festival, tendo recebido inúmeras assinaturas de apoio. Documento para profunda releitura de todos os que querem a Paz, esta mensagem é também uma certeza: a de que «daremos muitas mais oportunidades à Paz, tantas até ao dia em que for bem real, sem guerras e sem armas».

rio polivalente (espectáculos, debates e outras realizações) e o grande pe-

Durante a semana audifónio e no palco, aplaudidas actuações de vários grupos, bandas e artistas, alguns bem conhecidos no nosso país. Estes, nomes como, por exemplo, a Brigada Jara, Roquívários, José Rio Branco, Vitorino, Xuxa Pontapé, UHF, Pinho Gas, Quinteto de João, Lena d'Água, Raulo e outros.

Entre os estrangeiros, gistem-se as actuações de grupos Spartakus, da Ariel, da URSS; Mus da Hungria, Mike Glick, EUA, etc.

Em relação aos debates onde foram expostas as ideias de todos os que se quiseram participar, destacamos para os que decorreram sob os lemas «Armas Nucleares em Portugal» e «Os Caminhos da Luta pela Paz», embora o diálogo e a discussão dos temas não tenham sido constantes no Carvalhal, com a participação de jovens anónimos, representantes de organizações portuguesas e estrangeiras, e personalidades da vida portuguesa, designadamente as individualidades ligadas à luta pela Paz.



Durante a intervenção no Estádio do Bonfim, na jornada de encerramento.



Fogo de artifício na apoteose final: o encerramento do Festival em «cheio» na cidade de Setúbal, no Bonfim

Mensagem dos jovens expulsos de Portugal

Num dos debates realizados no Carvalho, foi lida a mensagem assinada pelos seis representantes da FMJD impedidos de sair do aeroporto da Portela, em Lisboa, por decisão do Governo de Mário Soares, atitude inqualificável num Estado democrático. Refere a mensagem desses jovens: «A Humanidade inteira encontra-se perante o de-

saíu que jamais enfrentou na sua História milenária: trata-se da triste encruzilhada da vida ou da morte, da existência ou da destruição, da Paz ou da guerra». Prosseguem: «Nós, jovens

que representamos milhares de outros de diferentes países do mundo, fazemos parte desse movimento indestrutível» que assegurará a Paz. «Infelizmente para nós

não houve oportunidade, estivemos dormindo em sofás 52 horas, mas vocês saberão triunfar e o Festival que protagonizam será uma contribuição valiosa à corrente de forças que no mundo enfrenta o belicismo e a morte».

«O que não sabem aqueles que negaram um visto para a Paz é que não existem barreiras, manobras ou armas capazes de nos fazer retroceder, de destruir a unidade e a decisão de nós que escolhemos o caminho que nos conduzirá à preservação da Humanidade, da vida, da amizade e ao entendimento que reinará para sempre sobre a Terra».

Chegará o dia em que a Paz não precisará de vistos para passar todas as fronteiras!»

O Festival terminou em cheio. Foi no Bonfim, em Setúbal.

Presentes milhares de jovens: oriundos do Carvalho e não só, que tiveram oportunidade de assistir às actuações de Richie Havens, orquestra Jazzzyra, grupo Scarlett Party, Trovante, e Jáfumega.

Momentos significativos desta jornada de encerramento foram também a intervenção do presidente da Câmara Municipal de Setúbal, a apresentação da Mensagem aprovada no Carvalho (que aqui publicamos à parte, nestas «centrais») e o fogo de artifício.

Após o espectáculo, já noite dentro, os jovens presentes dirigiram-se ao rio Sado, com archotes acesos, num belo espectáculo luminoso que se estendeu pelas ruas de Setúbal. De traineira, seguiu depois a Mensagem da Paz, Mundo fora, rumo aos cinco continentes, momento simbólico mês emocionante. Terminava assim o Festival. Mas não terminou uma luta!

O prestígio e o significado duma iniciativa

Nem as manobras de uns, nem as campanhas encarniçadas de outros conseguiram retirar ao Festival juvenil «Dêem Uma Oportunidade à Paz» o prestígio e significado duma grande iniciativa, sem precedentes entre nós, a favor da Paz mundial.

Nessa onda de má vontade e de ataques ao Festival de Tróia, nessa onda de fracassados à nascença, houve de tudo um pouco.

Refira-se o caso dos 6 jovens da FMJD impedidos pelo Governo português de participar na grande realização do Carvalho, a posição sectária assumida pela Televisão em relação ao Festival, o medo da Juventude Socialista face à realização da Iniciativa, as piruetas e as manobras da JSD e da Câmara Municipal de Lisboa, e até a provocação da Juventude Centrista, que lançou, de helicóptero, folhetos sobre o estádio do Bonfim, na altura em que decorria o espectáculo de encerramento, «gracinha» que mostrou bem a dimensão da JC... Enfim, tudo isto acabou por dar mais dimensão e significado ao Festival. Disso, não temos dúvidas!



Jáfumega, Richie Havens, grupo Scarlett Party, orquestra Jazzzyra e grupo Trovante: música de qualidade no encerramento do Festival «Dêem Uma Oportunidade à Paz»



A confraternização, a amizade, a alegria nos rostos da juventude presente: uma constante do Festival (imagem captada na entrega de recordações a desportistas)

PCP

Alto da Ajuda: em contagem decrescente...

Reforçar a mobilização para as jornadas de fim-de-semana

Apelo especial a carpinteiros, pedreiros, canalizadores e serralheiros

A contagem decrescente continua...

Faltam agora pouco mais de três semanas de Agosto e, depois, apenas a primeira de Setembro!
A Festa do «Avante!» aproxima-se! Há, pois, que reforçar a mobilização de todos os camaradas e amigos disponíveis com vista às jornadas de trabalho voluntário na Ajuda. Ai, no recinto gigantesco, transformado pela dedicação e vontade de muitos, depara-se todos os dias um conjunto variado de tarefas em que todos nós, incluindo o amigo leitor do «Avante!», podemos dar a nossa colaboração solidária.

Depois duma volta detalhada pelo recinto da Festa, observando as múltiplas frentes de trabalho que se colocam à implantação das estruturas, a ideia de que é necessário reforçar a mobilização para as jornadas de fim-de-semana ganha mais expressão e até alguma urgência.

Joaquim Batim, 35 anos,

da poi questões mais complexas, e isto porque o que os visitantes vão aqui encontrar em 9, 10 e 11 de Setembro será uma Festa nova sob todos os pontos de vista. Não falando já da programação ao nível dos mais variados pontos de interesse da Festa — os espectáculos, a arte, a cultura, o desporto, os coloquios, etc. — é

água, esgotos e electricidade, que tiveram de ser alterados.

A propósito da nova Festa que o visitante irá encontrar na Ajuda, podemos desde já adiantar que além da deslocação do palco principal para outro ponto do recinto, haverá duas grandes avenidas centrais, prevendo-se com o novo traçado uma colocação mais

acessível dos pavilhões e "stands" das organizações, e maior facilidade de deslocação, evitando-se mesmo boa parte do cansaço na busca dos pontos que mais interessam aos participantes na Festa. Numa palavra: o visitante irá descobrir melhor a grande Festa do Portugal democrático!

Até lá, temos, entretanto, de

pôr de pé o que naturalmente ainda falta. O ritmo intenso de trabalho que decorre no Alto da Ajuda, com tractores, camionetas, escavadoras, equipamentos e ferramentas em permanente acção, movidas por camaradas que ali estão a tempo inteiro (cerca de 130) e por outros que podem deslocar-se à Ajuda durante a semana, esse ritmo intenso, dizíamos, vai continuar com a ajuda e a participação dos camaradas que se preparam para as próximas jornadas de fim-de-semana (apenas quatro em Agosto e uma, para rétoques finais, em Setembro).

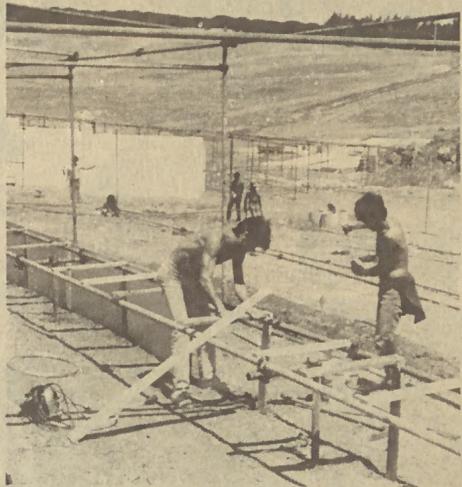
A força do trabalho colectivo

Além da participação individual, cabe às organizações do Partido, nomeadamente as que se localizam mais perto da cidade de Lisboa, tomarem as iniciativas necessárias para uma boa mobilização e prepa-

ração de grupos e brigadas de voluntários. O trabalho colectivo rende mais, custa menos e proporciona um convívio que é sempre acolhido com entusiasmo.

O camarada Joaquim Batim salientou à reportagem do «Avante!» no Alto da Ajuda que face às grandes tarefas que ainda se mantêm — valas para águas, esgotos, electricidade, sanitários, polidesportivo (em cimento) e montagem de estruturas — é necessário dar novo alento ao apelo para a participação nestas jornadas de fim-de-semana, mobilizando o maior número possível de camaradas e amigos, indiferenciados, pessoal não especializado e também os especializados em determinadas tarefas, a saber: carpinteiros, pedreiros, canalizadores e serralheiros.

Recordamos que os camaradas que não levarem farnel podem utilizar o restaurante de apoio ou outro duma organização do Partido já instalado.



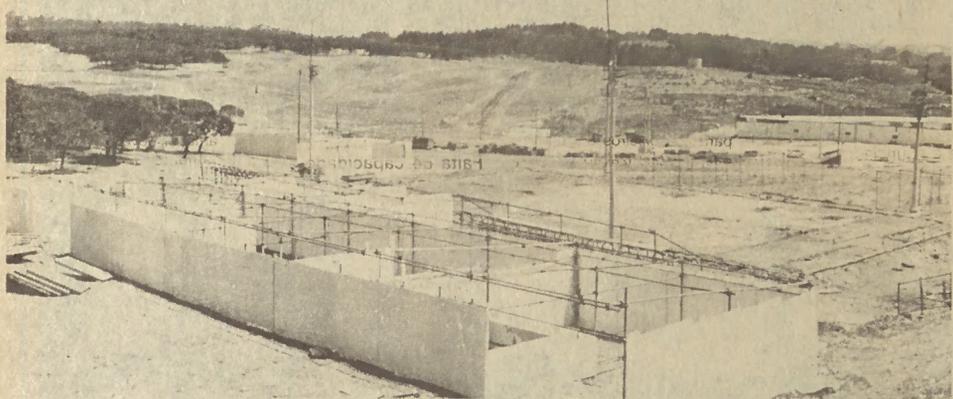
Em 9, 10 e 11 de Setembro, o visitante da Festa do «Avante!» encontrará no Alto da Ajuda uma nova Festa... Neste apontamento explicamos porquê.

membro da Comissão de Implantação da Festa, fala-nos dessa questão com serenidade.

Novo traçado

«A preparação da Festa do «Avante!» deste ano é envolvi-

necessário salientar que o recinto terá nova "arrumação", ou seja um novo traçado, o que, em termos de implantação, trouxe mais trabalho, como está a suceder, por exemplo, com as redes de



Poder local

Quem está com Vizela?

Votação para as freguesias — e só para as freguesias!

Realizou-se no domingo a sessão de apresentação das listas APU candidatas às eleições para as assembleias de freguesia de S. João e de S. Miguel das Caldas de Vizela, marcadas para o próximo dia 4 de Setembro. Nesta sessão, os cabeças das listas APU, respectivamente José Maria Pereira Martins e Joaquim Duarte da Silva, abordaram os problemas daquelas freguesias, e afirmaram o compromisso de lutarem para que Vizela tenha à frente das suas autarquias gente que promova o trabalho e o progresso e nunca o comodismo. Declararam como objectivo central das suas candidaturas a luta pela rápida constituição do município, sublinhando ser o aumento da votação na APU a forma de o povo de Vizela demonstrar também que reconhece seus verdadeiros amigos os que têm honrado os seus compromissos.

Na sessão interveio também Henrique de Sousa, do CC do PCP e da DORM. Após criticar pormenorizadamente a política seguida pelo Governo de Mário Soares e Mota Pinto nos primeiros 50 dias de existência e de a caracterizar como continuadora da política de direita prosseguida pelos anteriores governos «e como aquela condenada ao fracasso», Henrique de Sousa abordou o relacionamento da actual situação política com o processo de constituição do município de Vizela em termos que a SIP da Direcção da Organização Regional do Minho largamente transcreve, num comunicado em que mais uma vez se deixa clara a posição do PCP perante a luta do povo de Vizela.

Só a APU não traiu o povo de Vizela

«Três meses passaram desde que o povo de Vizela desceu à rua saudando em 25 de Abril a derrota da "AD" e a constituição de uma maioria de deputados das forças democráticas na Assembleia da República. Confiava o povo de Vizela que seriam finalmente con-

parável da exigência do entendimento das forças democráticas, designadamente do PS e do PCP, para que na Assembleia da República seja possível concretizar em lei as suas aspirações.

Por tudo isto — continuou Henrique de Sousa —, as próximas eleições para as duas Assembleias de Freguesia da vila de Vizela, para lá da sua dimensão autárquica local, assumem importante papel para a luta do povo de Vizela.

Concorrendo apenas listas do PS e da APU, podemos concluir com segurança que só uma forte votação na APU, só o aumento significativo da votação na APU será o apoio necessário do povo de Vizela, qualquer que seja a sua opinião política, à única força política que tem sabido sempre honrar os seus compromissos para com a luta de Vizela. Será igualmente o justo aviso dos vizelenses ao PS para que não sacrifique os interesses do País e de Vizela à desastrosa aliança de direita com o PSD».

O Governo quer reacender «a guerra»?

A propósito de notícias vindas a público nos jornais sobre intenções do Governo de convocar a repetição da votação em Vizela para a Assembleia e Câmara Municipais de Guimarães na mesma data, das eleições para as Assembleias de Freguesia, Henrique de Sousa afirmou que «nada justifica a marcação para a mesma data, neste momento, de votações correspondendo a processos eleitorais distintos e que seguem caminhos diferentes desde que a sua realização foi impossibilitada quan-

do das eleições gerais para as autarquias locais. De facto, enquanto as eleições para as Assembleias de Freguesia de Vizela foram marcadas nos termos legais pela Câmara de Guimarães depois de ouvidas as comissões administrativas que gerem as duas freguesias, a marcação de nova data para repetição da votação para os órgãos municipais de Guimarães é da competência do governador civil».

«Pelo nosso lado, sublinhou Henrique de Sousa, estamos prontos como sempre a contribuir para a busca de soluções que permitam também a completa normalização do funcionamento dos órgãos municipais de Guimarães». E recordou:

«A aprovação do projecto-lei do PCP para a constituição do município de Vizela teria seguramente criado já as condições políticas para que isso sucedesse a breve prazo. A responsabilidade de isso não ter sucedido cabe aos partidos do Governo».

Assim, por tudo isto, e tendo em consideração que é do conhecimento público a posição dos vizelenses a propósito da votação para os órgãos municipais de Guimarães, declaramos desde já o nosso desacordo quanto à realização simultânea em 4 de Setembro da votação para os órgãos municipais e afirmamos que o Governo e o seu representante no distrito — o Governador Civil —, caso tomassem uma tal decisão, assumiram as principais responsabilidades por qualquer prejuízo que pudesse advir para o processo eleitoral em curso para as Assembleias de Freguesia da Vila de Vizela».

EP's premiadas no 2.º sorteio

Ponto alto da Festa do Futuro, que animou Penedo Gordo (Beja) no último fim-de-semana, foi sem dúvida o segundo sorteio das Entradas Permanentes (EP's) da Festa do «Avante!»

O sorteio decorreu no domingo, segundo dia da Festa do Futuro, tendo sido apurados os seguintes números de EP's:

- 1.º — 034 098
- 2.º — 160 593
- 3.º — 001 210
- 4.º — 007 674
- 5.º — 140 657
- 6.º — 102 301
- 7.º — 133 942
- 8.º — 149 754
- 9.º — 058 056
- 10.º — 228 300

Os três primeiros prémios constam de livros e discos no valor de 10 mil escudos e

Biografia de Marx — novidade da Festa

Uma monumental biografia de Karl Marx, no ano do centenário da sua morte, será a grande novidade literária da Festa do «Avante!» deste ano.

Presente desde a primeira Festa como um dos seus aspectos mais característicos, a Cidade do Livro e do Disco não deixará certamente de mais uma vez este ano ser motivo de atracção e ponto de convergência para muitos milhares de pessoas. Tanto mais que haverá muitos outros motivos de interesse, que a seu tempo revelaremos.

A biografia de Marx terá perto de mil páginas, profusamente ilustradas, sendo uma edição conjunta das editoriais Progresso e «Avante!», realizada com o cuidado, a qualidade e o rigor que já caracterizaram semelhantes iniciativas anteriores.

do quarto em diante livros e discos no valor de 5 mil escudos.

Os contemplados devem contactar os serviços centrais que funcionam no Alto da Ajuda, no recinto da Festa.

O terceiro e último sorteio das EP's decorrerá em Sesimbra, no último fim-de-semana deste mês.

É a última «oportunidade» para quem ainda não comprou EP.

A lista de brindes, a que todos os portadores de EP ficam habilitados, é a seguinte:

1.º prémio — uma TV a cores; 2.º — livros e discos no valor de 15 mil escudos; 3.º — livros e discos no valor de 10 mil escudos; 4.º a 10.º — livros e discos no valor de 5 mil escudos.

E não esqueça, amigo leitor: comprar a EP é ajudar a construir o maior convívio popular do nosso país! A propósito: aquele camarada lá do bairro, aquele companheiro da empresa, o nosso vizinho que chegou de férias... já têm EP?

«Maioria» investe contra povo do Porto

PS/PSD aprovam na câmara tarifas incompressíveis

PS e PSD fizeram finalmente vingar na reunião da Câmara da passada segunda-feira o aumento brutal das tarifas de electricidade no Porto. É o co-roar, na cidade, de uma aliança contra as condições de vida da população tecida ao longo de semanas, encabeçada pelos vereadores do PS, e em que intervieram personagens tão várias e importantes como o Governo PS/PPD, o ministro da Indústria Veiga Simão e o próprio Mário Soares. A Câmara acabou por ceder a estas pressões e aprovou aumentos que correspondem a cinco vezes mais para os consumidores domésticos e sete vezes mais para o comércio e indústria.

A Coordenadora da APU no Porto recorda, porém, três aspectos essenciais decorrentes: primeiro, «a população do Porto não suporta tais aumentos»; segundo, «a Assembleia Municipal tem ainda que se pronunciar»; terceiro, «a luta conti-

nua» — e a APU, que mais uma vez votou contra estes aumentos, estará mais uma vez com as populações nesta luta.

A APU faz notar, num comunicado emitido ainda na segunda-feira, que «a Câmara do Porto, que se manteve até agora, graças à persistente luta das populações e à acção da Aliança Povo Unido, numa posição de firmeza, integrando a luta das populações contra os aumentos brutais da energia eléctrica e por uma tarifa adequada para a região, cedeu à chantagem e às pressões do governo PS/PPD e ao jogo miserável dos vereadores do PS que desde o início encabeçaram a traição aos legítimos direitos e interesses dos portuenses e da cidade do Porto».

No mesmo comunicado, a APU repõe a questão das tarifas nos termos em que sempre a tem colocado:

«Os brutais aumentos dos preços da energia eléctrica não são socialmente justos nem

economicamente inevitáveis. Eles resultam da política de recuperação capitalista, da tentativa de destruição e desmembramento da EDP, da submissão completa dos anteriores governos e do actual governo aos interesses do imperialismo americano e ao negócio da compra aos Estados Unidos de centrais nucleares desaproveitando os recursos energéticos nacionais. Além disto, a região do Porto tem uma situação muito particular no que se refere aos consumos fruto de uma política de incentivo ao consumo na região que foi praticada durante dezenas de anos.

«O Governo tem que reconhecer esta situação especial e tem que consagrar uma tarifa apropriada para a região.»

A APU alerta ainda desde já a população do Porto para eventuais tentativas do actual presidente do Conselho de Administração dos Serviços Municipalizados de Gás e Electricidade — Luís Cunha, do PS, que assim «quebrou» a recusa em que o PS se tem mantido de aceitar qualquer responsabilidade na Câmara

), eleito nesta mesma reunião de segunda-feira também com os votos contra da APU, «de fazer desde já repercutir estes aumentos sem a aprovação da Assembleia Municipal».

OBRAS COMPLETAS DE SOEIRO PEREIRA GOMES



«A vida e a obra de Soeiro Pereira Gomes reflectem as grandes linhas da realidade político-social em que se caldearam dias melhores para o povo Português»

edições Avante!

9.º aniversário da UPPSS

A espaçosa sede da União dos Pensionistas da Previdência e Segurança Social (UPPSS) foi pequena no último sábado para acolher os sócios e convidados ali reunidos para comemoração do 9.º aniversário da sua fundação.

Entre os convidados, o general Vasco Gonçalves, Octávio Pato, em representação de Álvaro Cunhal, dr. António Galhardas, do MDP/CDE e outros amigos da União.

No decurso do almoço-convívio e depois de várias intervenções de exaltação da data, foi aprovada uma moção dirigida ao Presidente da República, ao Primeiro-Ministro e ao MAI na qual se exige o cumprimento do caderno reivindicativo do MURPI.

A jornada do 9.º Aniversário da UPPSS resultou num êxito da unidade dos sócios da União.

Trabalhadores

Defesa do SEE

Para resolver os problemas nacionais

O sector empresarial do Estado (SEE) deve continuar a ser o motor do nosso desenvolvimento económico e social e instrumento fundamental para resolver os graves problemas do país.

Depois de referir a ofensiva que o SEE tem sofrido nos últimos sete anos, o plenário salienta estas conclusões:

- O Governo não paga as dívidas do estado às empresas nacionalizadas (70 milhões de contos só à RN, CP, Petrolgal e Quimigal);
Paralisação de importantes investimentos em curso: caso do plano siderúrgico nacional onde, já foram investidos 30 milhões de contos, mas que está parado;

Foi ainda decidido: Preparar desde já um encontro nacional de trabalhadores das empresas nacionalizadas e participadas, precedido de plenários em todas as empresas; promover um encontro de técnicos e trabalhadores qualificados do SEE, assim como sessões públicas sobre grandes empreendimentos do SEE e o seu papel na resolução da crise.

mente gravosas para o SEE: suspensão de novos investimentos nas empresas públicas; obtenção de autorização legislativa para abrir ao capital privado a banca, os seguros, adubos e cimentos;

O plano da FMI que terá consequências desastrosas para o SEE (cortes de investimentos, redução de indemnizações compensatórias, tentativa de novos despedimentos, etc).

O plenário das ORTs do SEE, perante estas e outras conclusões conhecidas, decidiu:
Prosseguir e intensificar a luta contra a reprivatização do sector nacionalizado e pela sua defesa como motor de desenvolvimento económico e social do país.

Lutar pelo desbloqueamento dos acordos colectivos da empresa, pela defesa do poder de compra e dos postos de trabalho, pelo fim da repressão e o cumprimento dos direitos sindicais na empresa.

Exigir a tomada de posse e condições de funcionamento dos gestores eleitos pelos trabalhadores.

Exigir o saneamento económico-financeiro das empresas através do aumento do capital estatutário e pagamento das dívidas do Estado.

Despedidos da RTP

Despedidos sem justa causa, como confirmou recentemente o Tribunal do Trabalho de Lisboa, 22 trabalhadores da RTP foram mandados reintegrar nos postos de trabalho e nas funções que desempenhavam nas datas do despedimento colectivo, que se seguiu aos acontecimentos de 25 de Novembro de 1975.

Com o pretexto de interpor recurso ao Conselho de Administração da RTP, recentemente empossado, recusou-se a cumprir a sentença do Tribunal do Trabalho, que manda reintegrar aqueles trabalhadores, abrangidos pelas leis da Amnistia segundo a qual, e independentemente da sentença de qualquer tribunal, já deviam ter sido reintegrados há quatro anos.

A empresa pública RTP que, como ré no processo, além da reintegração, foi condenada a pagar as remunerações vencidas desde os despedimentos, e a reintegrar os 22 trabalhadores «nos seus postos de trabalho, com a antiguidade, categoria e remuneração que a esta data (28 de Julho de 1983) teriam direito, se continuassem a

trabalhar normalmente na RTP, pretende adiar mais uma vez o caso que se apresenta com todas as características de um «saneamento» por motivos políticos, e que já foi aliás alvo de nulidade jurídica por os respectivos processos não assentarem em qualquer razão susceptível de justificar a justa causa, que este novo conselho de gerência continuava a interpor.

Não se sabia no princípio desta semana que argumento ou que factos novos o conselho de gerência da RTP irá arranjar para compor o recurso que se propõe interpor para a Relação.

Sete anos depois dos despedimentos ilegais, não se vê efectivamente que novo motivo este conselho de gerência possa alegar para um recurso que desde já se apresenta pelo menos como um pretexto para adiar o caso, ou deixá-lo cair no esquecimento.

Não é esta naturalmente a perspectiva dos 22 trabalhadores mandados readmitir pelo Tribunal do Trabalho de Lisboa, que se manifestaram dispostos a apresentar-se nos seus postos

Numerosos sectores ameaçados Indispensável mobilização e luta pelos salários, emprego, contratação

Salários atrasados na totalidade há meses, pagos fora dos prazos normais, ou em parcelas cada vez mais reduzidas, continuam a afectar grande número de trabalhadores. Paralelamente fazem-se cada vez mais graves as ameaças sobre o emprego. A estada do FMI em Portugal e o anunciado corte de investimentos nas empresas públicas obriga os trabalhadores a mobilizar-se contra perspectivas ainda mais sombrias do que as já instaladas em sectores como a indústria naval, os transportes, a química, os têxteis, a construção civil, os cimentos, a banca, os seguros, a montagem de automóveis, a metalomecânica.

Com salários em atraso, obstrução das negociações de aumentos salariais, ameaças de desemprego e mesmo despedimentos já concretizados vieram a público recentemente os casos da Ford, General Motors, Abadia de Alcobaga, Fiação e Tecidos, Montagro (estas três últimas da zona de Alcobaga) TAP, CP, Siderurgia Nacional, Quimigal, Gelmur, Matur/Atlantis, Lisnave,

Setenave, ANOP, Mompur, têxteis do distrito de Braga (mais de seis mil com salários em atraso), UTIC, Fapae/Philips, MDF, Carides, CIFA, Sotex e Empresa de Vermoim.

Diversas formas de luta têm sido adoptadas com larga adesão e provas de solidariedade. Mas, caso a caso, tem-se procurado sempre o diálogo, evitando agravar situações de

empresas que patronato ou Governo procuram inviabilizar, ou actuar como se tal sucedesse, de modo a suspender contratos de trabalho, mandando para o desemprego mais tarde ou mais cedo dezenas de milhares de trabalhadores.

Conscientes da situação que se vive em várias grandes empresas, as organizações representativas dos trabalhadores têm actuado com a responsabilidade, que muitas vezes falta a gestores e patrões apenas preocupados com o lucro imediato e com a exploração.

O movimento sindical unitário continua a acompanhar todas as lutas e a procurar implantar a organização sindical onde ela não existe ou está enfraquecida.

Na sua reunião semanal mais recente, a comissão executiva da CGTP reafirma que

«a política do Governo agrava os problemas do país» e que «as condições de vida e de trabalho dos portugueses degradam-se perigosamente».

Salienta a Central: «O Governo proclama insistentemente a sua vontade de diálogo social, mas verifica-se que não responde às reivindicações urgentes apresentadas pela CGTP-IN».

E mais adiante: «O Governo, em vez de resolver os mais graves problemas com que se debatem os trabalhadores e o país, está a utilizá-los (a esses problemas) como factor de pressão e de chantagem para procurar impor aos trabalhadores novos sacrifícios e encargos e, ao mesmo tempo, cercar-lhes os seus direitos. Entretanto, o Governo não cul-

da, por exemplo, de apurar as fabulosas somas de dinheiro que "fogem" para o estrangeiro e que provocam as dificuldades de muitas empresas», enquanto, por outro lado, «em conluio com o patronato, procura criar situações que lhe permitam justificar a aplicação das autorizações legislativas concedidas pela Assembleia da República».

Mas, a par das lutas que se desenvolvem nas empresas e da mobilização conseguida contra as medidas mais lesivas dos interesses, direitos e garantias dos trabalhadores, a CGTP «manifesta a sua confiança de que, com o reforço da unidade e da luta», a escalada será desarmada, «conduzindo ao fracasso da política antipopular e antipatriótica prosseguida pelo Governo PS/PSD».

Professores e Função Pública

Aumentos salariais

Reunião sem proveito na FP

Reuniões recentes com membros do Governo foram anunciadas pela Federação Nacional, dos Sindicatos da Função Pública e pelo Sindicato dos Professores da Grande Lisboa. A primeira destas organizações sindicais considera em comunicado de 25 de Julho que a dita reunião foi improficua, e recorda a necessidade da Frente Comum da Função Pública ser recebida pelo Primeiro-Ministro — audiência solicitada há mais de um mês. O Sindicato dos Professores, cuja Federação Nacional subscreeveu há dias um novo contrato colectivo para os docentes do ensino particular e cooperativo com aumentos de 21,5 por cento e novos subsídios (efeitos a partir de 1 de Outubro próximo), protesta contra a anunciada intenção do ministro de criar «conselheiros de orientação», quando já existem, afirma o SPGL, «peritos orientadores» que têm precisamente por função profissional a mesma que o ME pretende atribuir aos novos «conselheiros», ou seja a de se desenvolver nas escolas «a sua actividade de ajuda ao encaminhamento vocacional dos alunos».

Neste momento, refere o SPGL, «são já cerca de 100 os peritos orientadores que desempenham a sua actividade em escolas oficiais». Por isso, sublinha o Sindicato, o que se impõe não é obviamente a sua «instituição», mas o desenvolvimento e o apoio regulamentação e o cabal à sua actividade.

Quanto aos novos salários do ensino particular e cooperativo, a FENPROF recorda que o montante global da proposta dos sin-

dicatos atingia os 26 por cento e que a contraproposta inicial da AEEP (estabelecimentos de ensino) não ultrapassava os 18 por cento, que os sindicatos declararam logo não aceitar.

«A Federação Nacional dos Professores congratula-se com o actual contrato (o processo requereu apenas duas reuniões) e pensa mesmo que realizou um bom contrato colectivo de trabalho, tendo em vista a situação geral da contratação».

«A Federação Nacional dos Professores congratula-se com o actual contrato (o processo requereu apenas duas reuniões) e pensa mesmo que realizou um bom contrato colectivo de trabalho, tendo em vista a situação geral da contratação».

O secretariado da FENPROF, que considera uma

victória os 21,5 por cento alcançados para o ensino particular e cooperativo, bem como a «criação de carreira para professores primários com diploma e sem curso complementar», reafirma que estes últimos vêm a auferir um aumento de 29 por cento, reparando-se desse modo «uma situação que no anterior contrato tinha ficado menos favorecida».

Falta de capacidade

Neste meio tempo, o secretariado da função pública, referindo-se à reunião que teve a seu pedido com o secretário de Estado da Reforma Administrativa, sublinhava que «dessa reunião ressaltou a falta de capacidade em resolver problemas urgentes do sector» por parte daquele membro do Governo, que «foi incapaz de assumir posições claras» mesmo sobre questões a necessitar de solução urgente como «a próxima entrada em vigor do diploma doença, que transforma médicos em polícias dos restantes trabalhadores da função pública», frisa a Federação em nota de 25 de Julho findo, na qual «exorta os TFP e manterem-se firmes e actuantes com vista à resolução dos seus

problemas que não são passíveis de sistemático adiamento».

O secretariado da Federação Nacional dos Sindicatos da Função Pública, que tornou pública há dias uma carta ao Primeiro-Ministro, insistindo num pedido de audiência sem resposta há mais de um mês, sublinha a necessidade de «uma resposta concreta à exigência de revogação e alteração de fundo dos diplomas do anterior governo», designadamente daqueles que afectam directamente os trabalhadores do sector.

A comissão sindical da função pública do Centro Nacional de Pensões distribuiu entretanto um longo comunicado depois de uma reunião com a comissão instaladora. Nomeadamente refere-se às relações entre este órgão gestor do CNP e a respectiva comissão sindical, aos vários horários de trabalho à ADSE (assistência na doença) e ao mapa de pessoal do Centro, sobre o qual «a comissão instaladora manifestou dúvidas no que se refere a uma previsão» quanto à sua concretização, «face à mudança de governo e ao desconhecimento que tem acerca do entendimento deste sobre as funções a atribuir ao Centro Nacional de Pensões».

Terra

Protestos na lavoura

Lavradores de Leiria, Coimbra e Viseu protestaram recentemente contra as medidas do Governo lesivas da agricultura e do interesse económico nacional.

Para sexta-feira, 29, por ocasião da Feira do Bodo, estava prevista a entrega de um abaixo-assinado ao Presidente da República que se deslocaria a Pombal.

A iniciativa da Federação dos Agricultores do Distrito de Leiria prosseguiria, segundo foi anunciado, no dia 1 do corrente com um encontro com responsáveis do município de Alcobaga.

Para o próximo dia 8 está prevista nova reunião do mesmo tipo, nas Caldas da Rainha.

Foi salientada a situação de miséria que essa política provoca entre os pequenos e médios agricultores.

A concentração, no Largo da Feira, aprovou uma série de reclamações a apresentar ao Governo, em nome dos que ali se reuniram e dos outros que, as suas ocupações proibiram de estar presentes.

A situação de fome nos campos, que afecta centenas e centenas de pessoas — foi dito em Viseu — deve-se aos aumentos de preços dos adubos, rações e gasóleo (as percentagens de aumento nunca foram tão grandes como agora) e de bens de primeira neces-

sidade como o pão, açúcar, a somar à desvalorização do escudo e às doenças do gado que originaram grandes prejuízos.

Além disso continua a dificuldade de escoar produtos e o baixo preço a que são pagos ao produtor.

Os agricultores pretendem que o Governo cumpra o que prometeu, designadamente no apoio à lavoura e aos seus sectores mais necessitados.

Pretendem a anulação dos aumentos dos preços, a atribuição de um subsídio ao gasóleo para a lavoura, medidas eficazes no combate à febre aftosa e outras doenças do gado.

Os lavradores de Viseu reivindicam ainda, entre outras medidas relacionadas com o gado, que sejam fixados preços de produtos a praticar no ano corrente. Entre outros, batata a 30 escudos, vinho a 30, milho a 40, leite A a 35 e carcaça de vitela a 500.

Os agricultores, que decidiram enviar ao Governo estas e outras reclamações, aprovaram por unanimidade um documento que vai circular pelas aldeias a fim de recolher assinaturas de apoio aos protestos e reclamações.

Semana do Emigrante encerra no domingo

Termina no próximo domingo, com um espectáculo na Praia de Vieira de Leiria, a Semana do Emigrante, organizada pela CGTP.

Iniciada em 30 de Julho com várias festas-convívios, em colaboração com as Uniãoes sindicais de alguns distritos, a Semana do Emigrante anuncia para a sua festa de encerramento os artistas Carlos do Carmo, Helena Isabel e Carlos Paulo.

Previsto para as 17 horas de domingo, dia 7, o espectáculo é antecedido por uma actuação de José Jorge Leiria pelas 12 e 30, e por uma manhã infantil, com jogos e concursos.

Actuam ainda no próximo domingo na Praia de Vieira de Leiria o Rancho Folclórico desta localidade e o Rancho Folclórico Etnográfico das Figueiras. As 19 horas terá início um baile, com um conjunto típico vieirense.

Boletim

Um número especial do boletim «Emigração»

era entretanto distribuído pela Comissão para o Trabalho entre os emigrantes, criada pelo PCP.

Sob o lema «Unidos, os trabalhadores portugueses, dentro e fora do País, construirão um futuro melhor», o boletim inclui alguns indicadores sobre a situação económica e financeira portuguesa e sobre o esforço dos trabalhadores.

Sucintamente refere o boletim datado de Julho/Agosto:

A dívida ao estrangeiro atinge mil e 600 milhões de contos.

60 toneladas de ouro foram vendidas para pagar empréstimos feitos até Março de 1983.

Os trabalhadores portugueses recebem os salários mais baixos da Europa.

Um milhão e 550 mil reformados recebem menos de 6 mil escudos mensais.

O abono de família (2 filhos) dá em França para comprar 130 litros de leite, na RFA dá para 150, e em Portugal só dá para 45,8 litros.

100 mil trabalhado-

res de 225 empresas têm os salários em atraso; 500 mil estão desempregados; 300 mil têm contratos a prazo.

49 por cento dos portugueses não comem a carne suficiente; 10 crianças morrem diariamente devido às más condições sociais; 600 mil portugueses necessitam de habitação condigna.

Depois de acrescentar que «com o mesmo dinheiro os emigrantes compram hoje menos materiais de construção», o que é exemplificado com preços do cimento e de varão de ferro, o boletim sublinha as situações da Reforma Agrária e das empresas nacionalizadas (estas últimas «entregarão este ano ao Estado 32,7 milhões de contos de lucros»). Referindo-se aos grandes capitalistas, conclui o boletim:

Mais de 400 milhões de contos estão depositados na Suíça.

Por ano fazem sair ilegalmente de Portugal mais de 100 milhões de contos.

Devem 55 milhões de contos à Previdência.

Braga reclama preços compensadores

Um prazo até ao fim de Agosto foi dado ao Governo pela Comissão de Defesa dos Agricultores do Distrito de Braga, nomeadamente no sentido de negociar até lá «preços compensadores para os produtos que a lavoura produz». Entre esses produtos a CDADB cita o litro de leite, classe A (35 escudos); o quilo de milho amarelo (32); o quilo de milho branco (30) e o quilo de batata (20).

A Comissão, reunida em 30 de Julho em Braga, decidiu levar a cabo as entrevistas já

marcadas com os órgãos de soberania» para negociar aqueles preços, no sentido de atenuar «os efeitos dos elevados aumentos dos factores de produção».

A CDADB, que realizou cinco reuniões concelhias, em Braga, Barcelos, Guimarães, Famalicão e Vila Verde, manifesta agrado pela boa participação, designadamente em Barcelos onde estiveram 200 lavradores. «Foi visível» nessas reuniões, acrescenta a Comissão, «a disposição de luta e o descontentamento profundo dos agricul-

Internacional

Reagan e Begin

Como duas gotas de água...

A notícia, na sua nudez de telex de agência, rematava que «dos 54 membros do Conselho, só os EUA votaram contra a resolução». De que resolução se tratava? Nem mais que um apelo do Conselho Económico e Social (CES) da ONU a todos os órgãos das Nações Unidas e das suas agências especializadas, no sentido de «prestarem a ajuda possível aos palestinianos que sobrevivem nas terras ocupadas por Israel...». A votação surgiria a rematar uma discussão sobre os territórios árabes ocupados desde 1967, promovida, até ao final da semana passada, em Genebra, pelo referido CES da ONU.

Durante esta discussão o secretário-geral da ONU, Perez de Cuellar, apresentaria ao Conselho dois relatórios contendo estudos das formas concretas da política de anexação das terras árabes ocupadas, de desalojamento das populações autóctones e da criação de colónias israelitas, sublinhando-se que os israelitas pilham os recursos naturais dos territórios ocupados, se apoderam das melhores terras e das fontes de água, exploram a população árabe e atentam contra os seus direitos sociais.

Os EUA dos direitos humanos, das preocupações polacas

e das «liberdades» em terra alheia recusar-se-iam, mesmo assim, a subscrever um apelo que, modestamente, apenas pedia a ajuda possível da ONU a populações que sofrem, na sua própria terra, dificuldades ao nível da sobrevivência material.

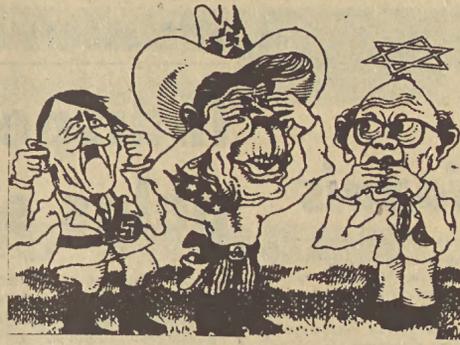
Quer dizer: a arrogância da actual administração norte-americana é tão patológica que já nem se preocupa em salvaguardar algumas aparências; confrontada com o genocídio a lume brando há anos prosseguido pelos seus lacaios sionistas em terras árabes, já

não apenas defende, financia e protege esse genocídio através do apoio ao regime sionista — recusa-se mesmo a minorar-lhe as consequências com uma acção estritamente humanitária conduzida pela ONU, parecendo indiferente aos custos políticos e propagandísticos de tal monstruosidade.

Entretanto, e como que a sublinhar proposadamente o desprezo pelas preocupações e críticas mundiais à sua acção nos territórios árabes ocupados, o regime de Telavive faria coincidir, com esta decisão da CES da ONU, mais uma onda de repressão na Cisjordânia para esmagar uma greve geral de protesto contra o ataque sionista à universidade islâmica de Hebron. Esse atentado terrorista provocaria a

morte de três estudantes árabes e feriria outros 30, enquanto o governo israelita nada fez, a nível oficial, para procurar os responsáveis. Aliás o chefe dos extremistas israelitas, Meir Kahane, suspeito de ter montado o sangrento acto terrorista, declararia mesmo aprovar todas as acções ligadas à utilização de armas pelos israelitas «para sua defesa»...

No entanto o crime cometido pelos sionistas não deixou de provocar reacções extremamente negativas por parte da imprensa da capital israelita, Telavive, e o «Jerusalem Post» chegaria mesmo a sublinhar que o número de árabes mortos pelos terroristas israelitas tem «aumentado consideravelmente» nos últimos anos. Por seu turno o jornal «Ediot Ahro-



not» qualificaria o crime de Hebron de «acto de terrorismo». Por aqui se podem avaliar duas coisas: primeiro, quão repugnante se está a tornar a prática política do governo de Menahem Begin dentro das suas próprias fronteiras, segundo, como vai longe essa prática política, a ponto de dar cobertura (quanto mais não seja pela inércia) à acção de bandos de autênticos assassinos.

Escusado será dizer que se

a atitude de Washington em relação aos seus protegidos de Telavive fosse, pelo menos, mais consentânea com a máscara humanista que os EUA de vez em quando procuram afivelar, a acção do sionismo seria menos arrogante e os seus crimes mais travados. Mas, como mais uma vez se viu com a resolução proposta pela CES da ONU, Reagan está para Begin como o estão duas gotas de água. Ou duas gotas de sangue...

Desemprego
Veneno fatal
da nossa idade

Onze milhões de pessoas, 10 por cento dos trabalhadores dos países da CEE, não têm emprego. A grande crise dos anos trinta começa a ser lembrada cada vez com mais frequência no chamado mundo ocidental. Segundo a revista norte-americana «Time», o número total de desempregados nesses países será certamente de 12 milhões em 1985. Na Grã-Bretanha o desemprego rondava no final do ano passado os 13 por cento da população activa, o que equivale a mais de 3 milhões dos trabalhadores. No nosso país, assim como nos Estados Unidos, Itália, e Bélgica, o desemprego atinge cerca de 9 por cento da população.

O desemprego, como patentes muitos factos, ajuda a desestabilizar a sociedade, influi negativamente sobre todos os aspectos da vida social, tirando do indivíduo o respeito próprio e minando os valores sociais, sem falar já dos aspectos moral e psicológico.

Os cientistas destacam quatro fases no estado psicológico de desempregado: choque, período de optimismo de pouca duração, pessimismo prolongado e, finalmente, fatalismo irreversível. Os familiares do de-

semprego para a juventude levaram alguns directores de estabelecimentos de ensino, nomeadamente da Grã-Bretanha, a concluir que era imperioso preparar psicologicamente os jovens para a possibilidade de ficarem sem trabalho. Assim, o programa do último ano de uma escola média de Londres inclui o curso «Como viver desempregado».

Um «curso de desemprego» também é frequentado pelos 400 alunos do colégio de Hayfield, situado nos subúrbios de Birming-



sempleado também passaram, em determinada medida, por todas estas fases.

A noção de fiasco

O trabalho assegura à pessoa não só a sua subsistência diária, como lhe dá também a consciência de ser indispensável. Ao perder o seu emprego, a pessoa sente-se violada, profanada, sem forças, cheia de medo e esmagada pelo peso do seu fiasco definitivo.

Neste contexto, os inqueritos levados a cabo nos Estados Unidos sobre a influência exercida pelo factor sociopsicológico do desemprego têm grande interesse. Ao assinalarem quais as suas consequências mais graves, 40 por cento dos inquiridos apontaram as questões «financeiras» e 48 por cento destacaram os aspectos «psicológicos» e «sociais».

A tragédia pessoal dos desempregados é patenteada pelo facto de um terço deles se considerar pessoas «que nada mais valem para a sociedade», 56 por cento pensar estar «a mais» e 46 por cento dizer que a sociedade não consideraria «válidos» aqueles que estão sem trabalho.

Por outro lado, o desemprego adquiriu novos traços qualitativos. Hoje, estão sem trabalho muitos daqueles que nunca tinham estado «desempregados», desde directores da General Motors a operários das fábricas de serração (Oregon, EUA). Actualmente, há muito mais categorias de pessoas que sentem na pele essa situação.

4,6 milhões
com menos
de 25 anos

O desemprego atinge sobretudo os jovens. Segundo os dados oficiais da Comissão da Comunidade Económica Europeia, há hoje nos países da CEE mais de 4,6 milhões de desempregados com menos de 25 anos de idade, o que equivale a mais de 41 por cento de todo o exército de «pessoas a mais» nos países do Mercado Comum.

As graves consequên-

A propósito de Jogos Olímpicos

Já Carter não percebia...

Conheço bem o desporto soviético para poder dizer que a palavra «boicote» não existe na URSS. A afirmação é do presidente do Comité Olímpico Internacional (COI), Juan Antonio Samaranch, quando respondia há dias, em Moscovo (onde se deslocou para assistir à fase final da 8.ª Espartaquiada dos povos da URSS), à pergunta de um jornalista sobre os boatos de uma eventual decisão de «boicote» aos Jogos de Los Angeles por parte dos soviéticos. E acrescentaria: os soviéticos sempre se opuseram às tentativas de misturar a política com o desporto.

Como ninguém pode lembrar-se de acusar Juan Antonio Samaranch de cripto-comunista ou «agente vermelho» do desporto mundial, as afirmações do presidente do Comité Olímpico Internacional ganham particular relevo, não tanto pelo que dizem mas sobretudo «à cause» de quem as diz.

Toda a gente se lembra da polémica surgida por alturas dos Jogos Olímpicos de Moscovo, quando o então presidente James Carter, dos EUA, decidiu impedir a participação dos atletas norte-americanos neste encontro maior do desporto internacional, pretenden-

do igualmente arrastar nesta medida irracional os seus parceiros políticos ocidentais. Todos recusaram e Carter caiu no ridículo e no desagrado do seu povo (particularmente dos atletas do seu país), pois todos achavam, com lógica de entrar pelos olhos, que Afeganistão e Jogos Olímpicos tinham tanto a ver como um urso polar com as pirâmides do Egipto.

Apenas Hitler, nos Jogos Olímpicos de Berlim, em 1936, ousaria tentar utilizar esta grande festa do desporto mundial para fins políticos, neste caso a promoção do nazismo. Carter, em 1980, passaria a fa-

zer-lhe companhia, em mais uma das várias patadas políticas com que administrações norte-americanas têm guardado a sua acção, desde que o seu país se tornou o chefe de fila do imperialismo...

No entanto, como também todos se recordam, a inqualificável atitude do presidente norte-americano em relação aos Jogos Olímpicos de Moscovo seria abundantemente aproveitada pelo anti-comunismo militante de todos os covis, afoqueado na oportunidade de conseguir, com a preciosa ajuda presidencial, demonstrar o fim a celebríssima quadratura do círculo. Quanto à pasquinada lusitana, ultrapassar-se-ia então na produção das mais extraordinárias alarvidades que o papel de jornal português jamais experimentou.

De qualquer modo o «boicote» cartteriano daria com os burrinhos na água, o bom senso internacional ridicularia o seu mentor e o episódio passaria à história como mais uma triste história de quem tem do

mundo uma visão de escada abaixo.

É neste contexto que surgem as afirmações do actual presidente do Comité Olímpico Internacional que, sem tergiversações ou empastelamentos de raticos ideológicos, pespegam preto no branco o que, como toda a verdade, deve ser dito com nitidez: a palavra «boicote» não existe no desporto da URSS e os soviéticos sempre se opuseram às tentativas de misturar a política com o desporto.

Quem assim procedeu — podemos nós afirmar por sobre as palavras, de objectividade bem territorializada, de Juan Antonio Samaranch — foram os norte-americanos.

Fazer essa pergunta aos soviéticos é admitir que estes funcionam com os parâmetros económicos, políticos, culturais, éticos e morais do imperialismo.

Admitir essa hipótese «retaliativa» por parte da URSS é não perceber nada disto — tal como Carter não percebia...

Inimigos consequentes das armas

Assinalando o 80.º aniversário do II Congresso do Partido Operário Social Democrata da Rússia (POS DR), realizou-se no passado dia 29 de Julho em Moscovo uma sessão solene onde participaram destacadas figuras do PCUS, representantes das Forças Armadas e personalidades do mundo científico e cultural da URSS, e ainda das representações diplomáticas dos países socialistas.

Na cerimónia o camarada Mikhail Zimianine, secretário do CC do PCUS, apresentaria um relatório subordinado ao tema «O Partido de Acção Revolucionária», onde sublinharia a influência directa da vitória de Outubro, das ideias e da política dos bolcheviques na formação e crescimento do movimento comunista actual. «Hoje — sublinharia Mikhail Zimianine — o movimento comunista, que agrupa cerca de 100 partidos independentes, constitui a força política internacional mais importante na luta contra o imperialismo e a guerra, na defesa da paz e na emancipação nacional e social dos povos».

Evocando a fundação do sistema socialista mundial, o nascimento, sobre as ruínas do

colonialismo, de dezenas de Estados que adoptam posições anti-imperialistas, a ascensão dos movimentos de libertação e contra a guerra, o orador salientaria que «tudo isto criou uma relação qualitativamente nova entre as forças e as classes sociais à escala mundial», mas «o aprofundamento da crise geral do capitalismo exacerbou o desejo dos meios imperialistas de procurar refrear o desenvolvimento mundial, agravando a tensão internacional. Esta opção agressiva levou a agudizar a ameaça de uma guerra nuclear».

Neste ponto o secretário do CC do PCUS consideraria que a principal fonte de ameaça da guerra está na política anticomunista e anti-soviética da actual administração dos EUA que, arrastada pela febre militarista, procura instalar na Europa Ocidental novos mísseis e utilizar as conversações sobre limitação dos armamentos para dissimular os seus planos de aumento constante dos meios de extermínio massivo.

«Washington visa forjar uma coligação militar entre as principais potências imperialistas contra a URSS, os outros Estados socialistas e contra todas as forças democráticas e progressistas, procurando a superioridade militar dos EUA e da NATO sobre a URSS e os países do Tratado de Varsóvia», sublinharia.

Referindo-se à política externa da URSS, o dirigente soviético recordaria que desde os primeiros dias, após a Revolução de Outubro, a política externa da União Soviética se opõe, activamente, à política imperialista de «diktat» e agressão: «Não temos necessidade da guerra. Somos e seremos sempre os inimigos mais

consequentes da corrida aos armamentos, que é um pesado fardo para todos os povos, incluindo os dos Estados socialistas».

Todavia, como acrescentou, «a nova cruzada contra o comunismo proclamada pelo presidente dos EUA visa, na realidade, combater todas as forças da paz, da liberdade, da democracia e do progresso. A política imoral e misantrópica do imperialismo é particularmente perigosa porque parte da tese insensata da admissibilidade de uma guerra nuclear».

«A perspectiva da política externa do nosso Partido — acrescentaria ainda — traduz, na essência, a nossa filosofia comunista da paz, e é esta filosofia que está na base das propostas construtivas da União Soviética formuladas, ultimamente, por Iuri Andropov».

(Sobre este 80.º aniversário do II Congresso do Partido Operário Social Democrata da Rússia (POS DR), leia-se a página 15 do «Suplemento» desta edição do «Avante!»).

Nicarágua

Linguagem de barbárie

Recentes sondagens nos EUA dão como provado que seis em sete norte-americanos estão contra a utilização das tropas dos EUA na América Latina. Sabendo nós como as administrações norte-americanas costumam ser eficazes a encomendar estudos destes quando necessitam de pública justificação para as suas decisões, concluiremos facilmente que esta auscultação se impôs porque algo de angustiante se passa no país que inventou o «western», a pastilha elástica e outras coisas bem menos simpáticas.

Claro que temos aqui a memória do Vietname como grande pano de fundo. Se há espinhas dorsais que se quebram, a da arrogância imperialista norte-americana face a este pequeno país do extremo-oriental, é uma delas. As feridas deixadas na grande nação norte-americana por uma derrota que, pior que ser militar, foi sobretudo política, ideológica e moral, ainda não fecharam. A «terra da promessa», «baluarte da liberdade» e palco de uma gesta independentista que criou o substrato patriótico de um povo jovem, acabaria por se atolar na ignominia dos Mi Lay, das devastações químicas, dos bombardeamentos fascistas sobre um povo paupérrimo, que mesmo assim os derrotaria em toda a linha.

Dai que a decisão de Ronald Reagan, movida por anticomunismos cavernícolas, em lançar os EUA, com todo o seu peso militar, contra a Nicarágua e os ventos de liberdade que sopram na América Central, enfrente a hostilidade da esmagadora maioria do povo norte-americano.

Reagan já bloqueou a Nicarágua com o seu poderio naval. Ordenou provocações que vão até ao bombardeamento «em falso» de zonas nicaraguenses, violação de águas territoriais e espaços aéreos. A situação deteriora-se tão rapidamente que três antigos secretários de Estado (Cyrus Vance, Edmund Musky e Dean Rusk) decidiram lançar, com urgência, um apelo comum ao Congresso no sentido de pôr cobro às manobras de Washington naquela zona do globo, e assegurar um entendimento político pela via das negociações.

Reagan parece não escutar ninguém, a começar pelo seu próprio povo. A sua linguagem, até agora, é a da barbárie — com os custos brutais que isso implica, e tudo para conduzir ao mesmo: a derrota.

30.º Aniversário de Moncada

Com a presença de 180 delegações estrangeiras, vindas de todos os continentes e representando um vastíssimo leque de opções políticas e ideológicas democráticas, numa significativa e inequívoca prova de solidariedade internacional, realizaram-se em Cuba as comemorações do 30.º aniversário do assalto ao quartel Moncada, episódio de importância relevante na génese de Cuba socialista (ver o suplemento do «Avante!» de 28/7).

Entre os convidados estrangeiros — que incluíam chefes de Estado e de governos, parlamentares, secretários gerais e outros dirigentes partidários, etc. — encontrava-se Raimundo Narciso, membro do CC do PCP, em representação do nosso Partido.

As comemorações realizaram-se em Santiago, onde se situa o histórico edifício (hoje escola e museu). Nesta cidade, para além de outras cerimónias, decorreu um acto cultural evocativo da luta de libertação e da Revolução e, no dia 26, um gigantesco comício na praça Antónia Maceo que juntou 200 mil pessoas.

Ponto particularmente espectacular do programa comemorativo foi a realização perante milhares de pessoas, de um ataque simulado ao quartel de Moncada, protagonizado por pequenos pioneiros, armados

de espingardas de pau, precisamente no local, no dia e na hora (5 h e 12 m da madrugada...) do ataque real efectuado há trinta anos por Fidel e seus companheiros.

Cuba viveu horas de festa e alegria. Mas os festejos não fizeram esquecer os dias difíceis vividos na Ilha da Liberdade, sob a permanente ameaça, largamente aumentada com a administração Reagan, do poderoso vizinho do Norte. O povo cubano trabalha e ao mesmo tempo prepara-se para um eventual ataque do exterior. Dai a palavra de ordem dominante, que a própria evocação de Moncada não fez esquecer: Produção e Defesa.

Saudação do PCP

Entretanto, o CC do PCP enviou ao CC do Partido Comu-

nista de Cuba uma saudação na qual se afirma, nomeadamente: O assalto ao Quartel Moncada, realizado em 26 de Julho de 1953, constituiu um marco histórico na dura e heróica luta revolucionária do povo cubano que conduziu ao

trabalhadores e dos povos pela sua emancipação; pela primeira vez o socialismo lançava raízes no continente latino-americano, às portas da principal fortaleza do imperialismo, confirmando assim que a nossa época é na verdade a épo-

forças revolucionárias e progressistas, avança firmemente pelo caminho do socialismo.

As realizações e êxitos do socialismo no vosso país constituem um estímulo e exercem uma importante influência na luta libertadora dos povos da América Central, do mundo inteiro.

As celebrações do 30.º aniversário do assalto ao Quartel Moncada têm lugar num momento em que o imperialismo norte-americano prossegue uma violenta e perigosa contra-ofensiva, visando reconquistar as posições perdidas e inverter o curso inelutável do processo revolucionário. A política de guerra e agressão imperialista liderada pela administração Reagan põe em risco a paz mundial e impõe pesados sacrifícios aos trabalhadores e aos povos que lutam pela sua libertação nacional e social.

Designadamente na América Central e Caribais, o imperialismo norte-americano recorre aos maiores crimes nas suas tentativas para destruir o socialismo em Cuba, desestabilizar e destruir a revolução na Nicarágua e também em Granada, para sufocar a heróica luta dos

Saudação do CC do PCP
Raimundo Narciso presente nas comemorações

derrota da ditadura fascista, à conquista da liberdade e da independência nacional, à transformação socialista da sociedade. No momento da passagem do seu 30.º aniversário, o Comité Central do Partido Comunista Português transmite ao Comité Central do Partido Comunista de Cuba e, por seu intermédio, a todos os comunistas, aos trabalhadores, ao povo cubano, as fraternais e calorosas saudações dos comunistas portugueses.

O triunfo da revolução cubana em 1959 abriu uma nova página na história da luta dos

ca do afundamento do sistema de exploração capitalista, da passagem do capitalismo ao socialismo.

A revolução cubana foi desde o primeiro momento alvo dos mais ferozes ataques do imperialismo e da reacção internacional. O imperialismo norte-americano tudo fez e continua a fazer para desestabilizar e destruir. Mas dirigida pelo seu partido de vanguarda marxista-leninista, apoiada na firme e combativa vontade do seu povo, contando com a activa solidariedade da URSS e do campo socialista e de todas as